



Imprensa amazonense no início do século XX: aportes para um estudo das interseções entre literatura e periodismo¹

Luiza Elayne AZEVEDO²

Gilmar Simão CORREIA³

Rosiel do Nascimento MENDONÇA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Uma vez que estudar a história da imprensa é compreender uma parte da própria dinâmica da sociedade, este artigo tem o objetivo de propor discussões teóricas iniciais que sirvam de aporte para o desenvolvimento da pesquisa em literatura e informação na imprensa amazonense do início do século XX, que vai analisar folhas da imprensa do Amazonas que veiculavam conteúdos literários e noticiosos. As publicações a serem analisadas são: O Atheniense (1907), O Vesúvio (1909) e O Combate (1915).

Palavras-chave: história da imprensa; Amazonas; literatura, periodismo.

Introdução

Este artigo é a parte inicial do projeto de pesquisa que se propõe investigar a imprensa amazonense do início do século XX, através da análise de jornais que circularam em Manaus nesse período específico e que tinham como proposta editorial a veiculação de conteúdos literários e noticiosos.

De modo a privilegiar a discussão dos aspectos essenciais à formação de um panorama histórico e contextualizado da imprensa amazonense nas décadas iniciais do século XX (e nos anos imediatamente anteriores), optou-se por dividir o estudo em duas partes: esta primeira, que *a priori* vai revisar temas importantes para o desenvolvimento teórico da pesquisa, e uma segunda (a ser publicada), focada nas análises *a posteriori* do material colhido junto aos acervos hemerográficos do Laboratório de História da Imprensa do Amazonas (LHIA) e do Museu Amazônico.

Ao pesquisador da Comunicação que pretende fazer uma abordagem histórica em seu trabalho, Romancini (2007) recomenda que exponha com máxima clareza a

¹ Trabalho apresentado no II 1 o Jornalismo do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² Doutora em Ciências Ambientais, professora do Departamento de Comunicação Social da UFAM e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social (GEPECS), email: luindia@uol.com.br.

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social e Relações Públicas da UFAM, bolsista do PET de Comunicação e colaborador do GEPECS, email: geecorreia@hotmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFAM, egresso do PET de Comunicação e colaborador do GEPECS, email: rosielmendon@hotmail.com.



origem das suas fontes, possibilitando, a quem julgar necessário, consultas posteriores. Diante disto, julgamos como necessidade premente a definição do fator gerador da nossa pesquisa, ou a problemática construída para o estudo (ROMANCINI, 2007, p. 40).

A pesquisa surge do contato inicial com a obra *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*, editada em 1990, fruto do projeto coordenado pelo Prof^o José Ribamar Bessa Freire, que em 1978, junto a uma equipe de alunos da então Universidade do Amazonas (UA), deu início à catalogação dos jornais publicados no Amazonas no período de um século. Já naquela época se sentia as dificuldades de interpretação da história da imprensa amazonense a partir desse material, devido principalmente à precariedade dos instrumentos de pesquisa, quer seja pela dificuldade de acesso aos acervos, quer seja pelo péssimo estado de conservação dos mesmos a situação não muito diferente da encontrada hoje.

Em meio a informações de periodicidade, formato, e expediente, ao longo da obra vê-se surgir frequentemente referências a folhas que traziam no subtítulo expressões como *“orgam noticioso, literário e crítico”, “jornal noticioso, literário e político”* ou *“periódico noticioso e literário”*, entre outras variantes. O subtítulo, como se depreende, revela muito do que os redatores pretendiam com a publicação, ou seja, era a expressão da sua linha editorial. A ocorrência de periódicos que publicavam conteúdo noticioso e literário acabou por suscitar questionamentos: de que forma se trabalhava esses dois tipos de informação na época? O que justificava a existência de jornais de notícia e literatura? Que importância esses conteúdos tinham no contexto da sociedade amazonense do início do século XX?

A partir dessas instigações, que contribuíram para a delimitação dos objetivos da pesquisa, foram pré-selecionadas três folhas para análise, obedecendo principalmente ao critério de acessibilidade para consulta: *O Atheniense (1907)*, *O Vesúvio (1909)* e *O Combate (1915)*.

O lugar da Imprensa na História

A Comunicação, através das particularidades da imprensa e dos diferentes tipos de mídia, constitui-se hoje como um legítimo campo de interseção com a pesquisa de cunho histórico. Lene (2010) acena com uma explicação para esse relacionamento profícuo entre imprensa e História: se, por um lado, a História pode mostrar as diferenças entre o que foi e o que é, o jornal impresso, e os meios de comunicação em



geral, concorreram para o delineamento de um modelo de sociabilidade compartilhado ainda hoje. Portanto, apesar da consolidação de um paradigma digital como o que temos vivenciado nos últimos anos, e apesar da ameaça lançada por esse paradigma contra os formatos midiáticos tradicionais, a autora acredita que os jornais impressos têm se convertido cada vez mais em lugares de memória, verdadeiros redutos da história social.

Por esse motivo, debruçar-se sobre folhas de jornal muitas vezes é uma necessidade que se impõe ao pesquisador, quer seja da História ou da Comunicação, uma vez que a mídia tem a capacidade de centralizar os fatos, acontecimentos e discursos que estão/estiveram em curso na sociedade, tornando-se, portanto, importantes fontes de informação e consulta no processo de (re)construção da História.

De acordo com Lene (2010), a mídia trabalha quotidianamente com a dialética fundamental da memória, lembrança e esquecimento (p. 5), diagnóstico que se reflete no escopo da teoria comunicacional do agendamento, ou seja, do poder que a mídia tem de pautar os assuntos do dia e, conseqüentemente, pautar a sociedade. A partir daí, pode-se atribuir à imprensa um papel legitimador, na medida em que ela confere maior ou menor importância a um determinado assunto ou debate.

Nesse sentido, Ribeiro acrescenta que

o resgate do jornalismo como fonte histórica deve-se à mudança do estatuto do fato histórico. Quando se admite que ele é produzido e não dado, o mais importante deixa de ser o fato em si e passa a ser a forma pela qual os sujeitos tomam consciência dele e o relatam, assumindo certas posições (apud LENE, 2010, p. 9).

Para Romancini (2007), essa condição faz com que os jornalistas tenham, por vezes, papel importante e ao mesmo tempo polêmico na elaboração da chamada história imediata (p. 24).

Pelo fato de revelar dimensões do vivido, que se manifestam a partir de sua forma e de seu conteúdo (LENE, 2010, p. 8) é que a imprensa se configura como um suporte importante às pesquisas documentais, podendo transparecer diversos aspectos culturais de uma sociedade, a partir de um determinado recorte histórico.

A belle époque chega aos Trópicos

No período de 1890 a 1910, Manaus, capital do Amazonas, viveu um intenso desenvolvimento econômico proporcionado pela produção gumífera, então um produto cuja demanda era internacional e que alimentou durante certo tempo a indústria de automóveis norte-americana. O ciclo da borracha marcou o início de um processo



acelerado de urbanização e crescimento demográfico no Amazonas, bem como de uma série de transformações na esfera sociocultural.

Diante dessa situação econômica promissora, a principal preocupação do poder público da época de transição entre os séculos XIX e XX passou a ser a adequação do espaço urbano ao projeto de desenvolvimento capitalista imposto pelo ciclo da borracha. Até então, a imagem que se tinha de Manaus estava cristalizada nos relatos dos viajantes e intelectuais que haviam passado pela região amazônica nas décadas anteriores: um lugarejo tacanho sem maiores pretensões de sofisticação (DIAS, 2007).

O Amazonas já era uma Província do Império autônoma desde 1850, e o *boom* da borracha coincidiu com a Proclamação da República, em 1889, quando a antiga Província foi elevada à categoria de Estado da Federação. A partir daí, com o objetivo de reorganizar a cidade de Manaus e deixá-la aparentemente mais receptiva à entrada do capital internacional, empreendeu-se uma série de reformas estruturais no espaço urbano e de embelezamento de ruas e edifícios que marcaram a *belle époque* amazonense, especialmente durante o governo de Eduardo Ribeiro. Sobre a *belle époque* paulistana, Cruz (2000) afirma:

Novas formas de sociabilidade pareciam se impor, jornais e revistas projetavam sobre a cidade as demandas de diferentes grupos sociais e davam visibilidade a um processo acelerado de ocupação/invenção dos espaços públicos da metrópole em formação (p. 20).

Em Manaus, construções como o Teatro Amazonas, no âmbito cultural, e o Palácio da Justiça, no âmbito da afirmação dos poderes instituídos, figuram como ícones desse período áureo. Não foi por menos que a cidade passou a ser conhecida como a Paris dos Trópicos. Conforme salienta Souza (2008), criou-se um clima de excessiva alegria e vitalidade consumidora.

Dessa forma, o Estado começou a interferir na dinâmica da cidade na tentativa de adequar os costumes dos seus habitantes aos padrões de uma elite estrangeira que fazia girar a economia local. Assim, foram sendo editadas várias normas de conduta como o Código de Posturas Municipal e o Regulamento para Veículos na Capital. Além disso, havia a preocupação por parte das autoridades com a questão sanitária, o que proporcionou a organização da coleta de lixo na cidade e o início da construção de uma rede de esgotos.



No entanto, o avanço econômico e social proporcionado pela *belle époque* no Amazonas concentrou-se na cidade de Manaus, que figurava como um dos principais centros financeiros do Norte do país, ao lado de Belém, no Pará. Enquanto isso, os seringais se proliferavam pelo interior, perpetuando um sistema de produção viciado que expunha os seringueiros, em sua maioria migrantes nordestinos, a situações de miséria e dependência dos seringalistas.

Na capital, por sua vez, as autoridades se preocupavam em manter afastada dos centros comerciais e residenciais de alto nível a população pobre, promovendo a ocupação desorganizada das regiões mais distantes da cidade. Isso revela que por detrás do *ôfaustoö* do ciclo da borracha, a realidade era de exclusão social, com uma máquina pública funcionando a favor das demandas da elite detentora do capital. Souza (2008) reforça esta ideia ao afirmar que Manaus foi a *õprimeira construção kitsch* brasileira, uma cidade do sonho e do delírio, microcosmo das doenças do espírito burguês...ö (p. 18).

Em vista disso, a insipiente imprensa amazonense acabou servindo como importante veículo de cobrança social. Dias (2007) dá pistas em seu livro *õA Ilusão do Faustoö* de como se dava essa relação:

õos jornais recebem os mais diferentes tipos de reclamações e denúncias de moradores que não são atendidos pelo serviço de abastecimento de água, pelo serviço de remoção de lixo, pelos serviços de transportes. Há denúncias contra os altos preços dos produtos de primeira necessidade [...] ou contra a falta desses. Moradores dos subúrbios, frutos do crescimento da cidade, solicitam, pela imprensa, a extensão dos serviços de iluminação, de calçamento, limpeza de ruas, etc.ö (p. 120).

A partir de então, começa-se a notar o protagonismo que a imprensa local, principalmente através do jornal impresso, passou a exercer no dia-a-dia da sociedade amazonense.

A questão do letramento

As diferenças culturais entre brancos e índios sempre representaram empecilhos desde o início da colonização da Amazônia, dificultando principalmente a penetração e consolidação da língua portuguesa entre os nativos. Somado a isso está o fato de que *õo investimento estatal no extremo norte foi lento e incapaz de modificar radicalmente sua*



estruturação colonial (PINHEIRO, 2001, p. 30). Esse conjunto de fatores contribuiu para que, inicialmente, o domínio da leitura e escrita ficasse restrito a uma elite branca.

Na época em que ainda era uma comarca ligada ao Grão-Pará, a realidade da educação no Amazonas já não era das melhores; mas foi principalmente após a sua elevação à categoria de Província, em 1850, com o início da hegemonia da língua portuguesa, que as autoridades locais passaram a se empenhar com maior afinco na estruturação de um sistema de instrução pública que acompanhasse os avanços educacionais empreendidos nacionalmente. A instrução pública passou a ser o caminho para a inserção da população local (mão-de-obra adaptada) no seio da sociedade.

Apesar da criação de escolas e educandários na capital e no interior, o estado contava com poucos professores qualificados que pudessem ensinar as primeiras letras aos habitantes. De acordo com o recenseamento geral da República de 1890 (DIAS, 2007), Manaus possuía 38.720 habitantes, dos quais 30.910 não sabiam ler e escrever, o equivalente a 79,82% da população.

Além disso, o projeto educacional desenvolvido na Província foi de negação da cultura indígena e de combate ao ócio, restringindo-se a uma espécie de adestramento que só contribuía para o perpetuamento das relações coloniais de subordinação. Segundo Pinheiro (2001), a base do insucesso educacional da Província está o imenso fosso cultural que separava os diversos povos indígenas do mundo hierarquizado, impositivo e violento dos colonos brancos (p. 35).

Outro obstáculo no processo de escolarização formal dos colonos era a sua forte tradição de oralidade herdada das culturas indígenas e nordestinas (já nas últimas décadas do século XIX). Nesse sentido, o Nheengatu, a língua geral, contribuiu para o fortalecimento de um sistema comunicativo todo baseado na linguagem falada.

Pinheiro (2001) registra que a partir de 1870 houve uma tendência de aumento da população letrada e, conseqüentemente, do público leitor como reflexo do surgimento das primeiras instituições ligadas às práticas da leitura. Exemplo disso está na lei que em 1871 criou em Manaus uma sala de leitura com acervo de cerca de 1.200 livros. A partir daí foram surgindo outras iniciativas individuais e coletivas no sentido de disseminar o hábito da leitura entre os amazonenses. Mas o primeiro grande ícone da cultura letrada na Província só viria a surgir em 1883, com a inauguração da Biblioteca Pública, de acervo superior a 5.000 volumes e mais de cem visitas mês. A respeito disso, Monteiro (1976) salienta: certamente que veio abrir considerável oportunidade



de expansão Às tendências intelectivas tristemente inativas, despertar vocações caboclas, apoiar inclinações manifestadas...ö (p. 32).

Essas transformações culturais já são resultado do novo momento vivido na sociedade amazonense de então, com o crescimento da economia impulsionado pela exportação da borracha, o que Monteiro (1976) caracteriza como um dos ciclos econômicos influtivos na cultura e literatura pelos quais o Amazonas passou.

Apesar de nessa época o Estado carecer de casas tipográficas e profissionais especializados no ofício da impressão, Pinheiro (2001) entende que o surgimento da imprensa no Amazonas foi o òprincipal instrumento de difusão e dinamização da cultura letrada no contexto regionalö (p. 50), tendo mantido uma relação peculiar com a tradição de oralidade que até então dominava as formas de comunicação locais:

õDesta forma, menos que destruída e alijada pela introdução da escrita, a oralidade, mesmo que questionada e pressionada pela cultura letrada, tende a se manter viva e atuante, se infiltrando em todos os espaços do social, inclusive no interior da própria escrita, que muitas vezes teve que lhe fazer concessões para poder se legitimar no interior de tais contextosö (p. 55).

Partindo desse pressuposto, tem-se que a rápida expansão da imprensa no contexto amazônico, já nas décadas finais do século XIX, se deve em certa medida pela inserção que a cultura letrada empreendeu pelo universo da oralidade amazônica, abrindo caminho para a proliferação e utilização de novas linguagens na imprensa, como o humor e a charge.

Imprensa no Amazonas

Por meio da sua tese de doutoramento em História intitulada òFolhas do Norteö, Pinheiro (2001) nos fornece uma ampla visão dos períodos iniciais da imprensa no Amazonas. A autora afirma que o processo de editoração jornalística no Estado ganhou impulso na virada do século XIX para o XX, num momento de efervescência cultural partilhada com outras regiões do país. Dados de levantamento iniciado por Faria e Souza revelam que em 1890, fase inicial do ciclo da borracha, 8 jornais eram editados no Amazonas, enquanto que em 1901 esse número havia saltado para 26.

No entanto, o surgimento da imprensa no Amazonas remonta ao ano de 1851, após a criação da Província em 5 de setembro do ano anterior. O *Cinco de Setembro*⁵ foi

⁵ õSeu primeiro número circulou a 3 de maio de 1851, tendo por diretor proprietário o tenente Manoel da Silva Ramos, tipógrafo, natural do Pará, que foi convidado por Tenreiro Aranha [primeiro presidente da



a primeira folha a entrar em circulação, tendo seu nome alterado posteriormente para *Estrella do Amazonas*⁶. A linha editorial desta primeira publicação era marcada por um tom oficial, em conformidade com o discurso da nova cúpula administrativa e política que aqui se tinha instalado o o jornalismo áulico de Freire (1990). Quase trinta anos antes, *O Paraense* (1822) havia sido o primeiro jornal editado e impresso em Belém, por iniciativa de Felipe Patroni. Em direção oposta ao *Cinco de Setembro*, este periódico apresentava um discurso crítico e revolucionário fortemente influenciado pelo movimento vintista português (FERNANDES, 2010).

Até então, as principais dificuldades que vinham emperrando o surgimento da produção periódica no Amazonas eram de ordem estrutural e técnica: de um lado, havia o isolamento geográfico e a baixa escolarização servindo como obstáculo para a consolidação da língua portuguesa; de outro, a escassez de mão-de-obra especializada no trabalho gráfico, a falta de equipamentos e de matérias-primas, que eram reflexo direto de uma economia local inexpressiva.

Portanto, em um contexto socioeconômico em que o livro era tido como artigo de importação, a criação do *Cinco de Setembro* assinalou para o surgimento de inúmeros outros periódicos, conforme atesta Pinheiro (2001):

o nível técnico relativamente mais modesto dos processos de editoração animaram pequenos grupos letrados a se lançarem na arena jornalística [...] o grosso da publicação periódica amazonense ainda recaía sobre as pequenas folhas algo improvisadas (p. 62).

Na tentativa de sistematizar esse processo, a autora identifica três momentos-chave no desenvolvimento da imprensa amazonense:

- O momento embrionário (1851-1880), que compreende os trinta primeiros anos após o surgimento do *Cinco de Setembro*. Nesse período, 46 folhas entraram em circulação, apesar da má qualidade gráfica e de outros fatores que contribuíam para sua efemeridade;
- O *boom* do periodismo, a partir de 1880, em que se buscou ampliar a qualidade das publicações, havendo ampla adesão de grupos de intelectuais

Provincia] para montar a primeira oficina tipográfica de Manaus... Após 8 meses de circulação [...] mudou o nome para *Estrella do Amazonas* (FREIRE, 1990, p. 57).

⁶ Divulga atos administrativos do Império e do governo local. Noticia acontecimentos da corte e das províncias. Publica avisos de leilões da Fazenda Provincial, alterações contratuais de estabelecimentos comerciais da cidade e vilas, e sobre o movimento do porto (FREIRE, 1990, p. 91).



à massa produtora dos jornais. Essas pessoas enxergavam na imprensa um veículo propício ao debate político, expressão e intercâmbio de idéias;

- A retração, a partir do início da década de 1920, que coincidiu com a crise da economia gumífera. A essa altura, a imprensa havia passado por profundas transformações, com a consolidação do jornal enquanto estrutura empresarial, com grandes tiragens e custo elevado de produção.

Sodré (1999) salienta que a passagem do século [...] assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais [...] cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico... (p. 275). De acordo com Pinheiro (2001), esse foi o momento em que a experimentação e o "amadorismo" (gráficos e editoriais) começavam a ser confrontados seriamente por uma geração de jornalistas "profissionais" (p. 83). A historiadora registra que, por uma questão de estilo, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, pelo fato de serem adeptas de uma linguagem coloquial e por vezes debochada, as pequenas folhas amazonenses passaram a enfrentar resistência por parte de pessoas que defendiam um jornalismo restrito à norma culta da burguesia. Afinal,

no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções... [Enquanto que] a pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo do cotidiano da vida urbana (CRUZ, 2000, p. 71).

A seguir, apresentaremos as principais características que marcaram a imprensa no Amazonas de outrora.

Peculiaridades da imprensa amazonense

Ao contrário de Sodré (1999), que se utiliza de um recorte historiográfico e cronológico para explicar a imprensa no Brasil, Freire (1990) delimita cinco grandes linhas do periodismo nacional com base em diferentes concepções de jornalismo, mas com características e linguagem comuns. Segundo ele, tem-se: o jornalismo áulico, o panfletário, o literário, o político e o informativo, cada tipo dominando certo período da História, mas coexistindo a certa altura com os demais em diversos formatos.

Conforme registra Freire (1990), em certos momentos, o desenvolvimento da imprensa amazonense sofreu influência dessas cinco grandes linhas, apesar das



peculiaridades regionais. Portanto, como se viu anteriormente, a fase inicial do periodismo no Amazonas corresponde ao jornalismo áulico (o que não impede o seu aparecimento em outras épocas), dedicado à publicação dos atos do governo da Província e do Império. Nessa linha, publicações de edição única como *Dr. Fileto Pires* (1897) e *Silverio José Nery* (1900) eram editadas em homenagem a autoridades e figuras públicas.

Marcada por jornais anarco-sindicalistas e pasquins moralistas, a imprensa panfletária se aproxima conceitualmente da imprensa operária na medida em que esses tipos de publicação começaram a dar vazão a discursos alheios aos oficiais, reivindicações trabalhistas e denúncias sociais. Segundo Pinheiro (2001), o surgimento de uma imprensa operária no Amazonas está amplamente relacionado ao aumento de trabalhadores gráficos em Manaus a partir do *boom* da imprensa no final do século XIX. Na sociedade de então, os gráficos eram considerados, por suas habilidades de leitura e escrita inerentes ao ofício, õuma elite entre os trabalhadores, cujo trabalho era o mais intelectual dos ofícios manuaisö (FERREIRA apud PINHEIRO, 2001, p. 131). Exemplos de jornalismo operário oriundos da classe gráfica são o *Gutenberg* (1891) e *A Lucta Social* (1914).

Implícita ou explicitamente, o jornalismo de cunho político já estava diluído nessas publicações. Exemplo disso era o alinhamento do *Gutenberg* (1891) ao discurso republicano e sua defesa da educação pública e laica. Além disso, como registra Pinheiro (2001), õem épocas de crise política, os jornais ÷oposicionistasø eram presas fáceis da truculência situacionistaö (p. 144). Além desses, havia os jornais partidários, como *O Socialista* (1936), do Partido Socialista do Amazonas, e o *Diario do Amazonas* (1873), do Partido Republicano Federal, destinados à veiculação de posicionamentos ideológicos.

Freire (1990) também destaca a existência de dois tipos de imprensa caracterizados como jornalismo do interior e jornalismo das colônias estrangeiras, apesar de em nenhum dos casos ter ocorrido, como ele salienta, inovações na linguagem ou a busca por uma produção informativa próxima às feições modernas do jornalismo. Assim, no caso do jornalismo do interior, o seu desenvolvimento se deu nas sedes dos municípios em cujas regiões se concentravam a produção de borracha, como os rios Acre, Juruá, Madeira e Purus. Porém, também havia espaço nessas folhas para informações de interesse da comunidade, como reivindicações para as áreas de saúde, educação e agricultura. Em se tratando das folhas produzidas no âmbito das colônias



estrangeiras, destacam-se as editadas por italianos, sírio-libaneses, espanhóis, ingleses e portugueses, de forma a atender aos interesses dessas populações estabelecidas na Amazônia. Freire (1990) aponta que a maioria desses jornais era escrita nas línguas de origem.

Por sua vez, as folhas produzidas no âmbito de escolas, liceus e centros acadêmicos, como o Ginásio Amazonense, refletiam a preocupação dos estudantes com questões literárias e até políticas, não se restringindo aos assuntos de interesse local, muitos deles tendo sido confeccionados de forma manuscrita (FREIRE, 1990). Essas publicações serviam como verdadeiros espaços de maturação intelectual de integrantes da classe estudantil engajada que mais tarde viriam a figurar entre os grandes nomes da sociedade amazonense, quer seja por sua contribuição política ou literária. Além disso, o fazer jornal escolar passa a constituir um exercício de aprimoramento das formas de escrita (CRUZ, 2000, p. 99).

Outra espécie de jornalismo bastante praticado no Amazonas foi o de natureza diversional, nos quais temos: o escandaloso e bisbilhoteiro adepto da crítica de costumes e até mesmo da fofoca, e o de linguagem humorística, popular e debochada que não deixou de ser notado por Pinheiro (2001). Em sua maioria, essas publicações eram assinadas por pseudônimos, uma atitude defensiva por parte dos seus redatores, uma vez que em suas páginas se faziam críticas ferrenhas a figuras do cenário político e de repartições públicas, além de alfinetarem membros de famílias notórias de Manaus. Esse tipo de imprensa vai atravessar todo o chamado período áureo da borracha, convivendo lado a lado com o jornalismo político ou a imprensa de opinião... (FREIRE, 1990, p. 20). Pinheiro (2001) assinala:

As folhas de humor distanciavam-se da linguagem mais formalizada dos grandes jornais, trocando-a pelo discurso direto, objetivo e coloquial. Parecendo falar a língua do povo [...] o jornal de humor projetava, no público leitor, uma imagem de independência que o jornal empresa não conseguia consolidar... (p. 174).

Nesse tipo de imprensa destacam-se o uso de charges e caricaturas para retratar situações cotidianas ou exemplificar um determinado tema, sinais que indicam a introdução da linguagem visual nas páginas dos jornais.

Imprensa: uma seara intelectual



A exemplo de outras regiões do Brasil e apesar de não se constituir a regra, foi expressiva a presença de intelectuais, acadêmicos e literatos no seio da produção jornalística amazonense. Como salienta Pinheiro (2001), foi nas páginas da imprensa local que a intelectualidade amazonense da virada do século ganhou visibilidade e respeitabilidade no interior da sociedade local (p. 99), uma vez que, ao contrário do livro, artigo de pouca acessibilidade à época, o jornal conseguia atingir um público mais amplo.

Porém, mesmo com a consolidação da cultura letrada e o progresso da economia da borracha, os integrantes dessas elites intelectuais, escritores e poetas frequentemente se queixavam do ómarasmo esterilizante da província. Além disso, o fato de a produção intelectual amazonense do início do século XX ter se dado principalmente nas folhas dos jornais era, para autores como Péricles Moraes, a causa da pouca projeção dos intelectuais do Amazonas no cenário nacional. Conforme averigua Pinheiro (2001), nas antologias produzidas sobre o período, é comum que seus autores lamentem o fato de a produção literária de seus biografados ter ficado dispersa ou perdida nas páginas da imprensa local (p. 113). Monteiro acrescenta que

...a grande maioria dos letrados deixou, pelos jornais, suficiente cópia de material para uma avaliação mais justa. Não somente romances em folhetins, mas artigos de crítica literária e teatral, polêmicas estrondosas, desaforos, picuinhas, anedotas... (apud PINHEIRO, 2001, p. 114).

Apesar desses fatores, os intelectuais amazonenses procuravam se articular internamente, quer seja através da criação de pequenos núcleos de produção e discussão literária (muitas vezes motivo de divergências e desentendimentos que também ganhavam seu lugar na imprensa), quer seja por meio da organização de saraus ou conferências que traziam para Manaus expoentes da literatura nacional, uma forma de intercambiar produções e referências e de manter contato com o que estava sendo feito nos grandes centros culturais como Rio de Janeiro e São Paulo. Pode-se dizer que o ápice dessas articulações culminou com a criação da Academia Amazonense de Letras, em 1918.

Imprensa e literatura

É interessante notarmos a proximidade que a imprensa de um modo geral manteve com a literatura em determinados períodos da História, criando novas narrativas e



modificando as relações entre produtor e produto. A esse respeito, Romero diria: ão Brasil, mais ainda do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política que [...] exige que seus adeptos sejam oradoresö (apud SODRÉ, 1999, p. 184). Numa avaliação da produção cultural no Brasil Império, Sodré (1999) afirma que esta ãera realmente a época dos homens de letras fazendo imprensaö (p. 192).

Podemos destacar, a partir de Gomes (2008), uma tendência surgida na metade do século XIX que dotou a imprensa de uma característica literário-independente na medida em que a sociedade civil passou a ter uma dinâmica cultural própria e os níveis de alfabetização começaram a despontar. Nesse ritmo, as décadas finais do século XIX também coincidiram com uma ampla produção intelectual: ã...as letras se revestiram de uma dignidade e de um prestígio talvez sem precedentes entre nósö (PEREIRA apud SODRÉ, 1999, p. 289).

Os homens de letras se inseriam no periodismo, principalmente, em busca de um possível retorno financeiro e da projeção e reconhecimento não alcançados através do livro. No âmbito nacional, Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida foram alguns dos nomes que desenvolveram seu trabalho intelectual e literário nas páginas dos jornais, por meio da publicação de críticas, artigos e folhetins. Segundo Gomes (2008), as crônicas desse período já ãsinalizavam o jornalismo culturalö (p. 54).

Cruz (2000) chama a atenção para a diversificação de conteúdos e para o surgimento de seções culturais nos almanaques⁷ de São Paulo, o que contribuiu para o aparecimento do *Almanach Litterário Paulista*, em 1876, trazendo em seu escopo pequenos romances, lendas, poesias, charadas e informações científicas com o objetivo de ampliar seu público leitor a partir de novas temáticas. ãEm suas páginas foram testados novos conteúdos e forma de contar que, mais tarde, seriam amplamente adotados pelas pequenas folhas literárias...ö (p. 86). Segundo a autora, as pequenas folhas culturais se constituíam como espaço de liberdade criativa para os grupos letrados tradicionais, uma vez que estas publicações estavam à parte dos ãcontroles e compromissos assumidos por proprietários e editores da imprensa diáriaö (p. 90). Além disso,

⁷ Tradição na cultura letrada européia, os almanaques eram publicações de interesse da administração pública, comércio e indústrias que traziam informações sobre importações/exportações, impostos/taxas, atos administrativos e estatísticas da província. Eram publicados no Rio de Janeiro desde o início do século XIX (CRUZ, 2000).



ões conteúdos explicitamente literários [...] emergem como forma privilegiada para amenizar conteúdos considerados mais áridos e desinteressantes das publicações. Colocar um soneto ao lado de um artigo de fundo, usar versos como epígrafes, quadrinhas populares, fazer reclames em poesia, inserir sonetos entre seções mais pesadas são estratégias largamente usadas por essas publicações (CRUZ, 2000, p. 109).

Acima de tudo, essa conjunção entre periodismo e literatura revela a inexistência de uma linguagem e identidade próprias dentro do jornalismo que se fazia naquela época, panorama que em muito difere das características encontradas na produção jornalística atual, herança norte-americana: o conceito de pirâmide invertida como norte para a construção textual, a busca pela objetividade e imparcialidade, dentre outros. Sodré (1999) exemplifica: ão noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura...ö (p. 283).

O autor credita à consolidação das relações capitalistas na sociedade a causa para o desaparecimento gradual do espírito boêmio-literário, com o qual eram incompatíveis, e seu conseqüente reflexo na imprensa, que passa por mudanças progressivas: primeiro, com o declínio do folhetim; em seguida, pela introdução de novos gêneros textuais e o destaque para temas antes considerados secundários, como os fatos policiais e esportivos:

ãos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notíciasö (p. 297).

É o início da separação entre jornalismo e literatura, a definição dos limites de cada área, ou o que Cruz (2000) chama de ãrearticulação da cultura impressaö (p. 147) provocada pelo surgimento do jornal-empresa. ãAs colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas [...] constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literárioö (SODRÉ, 1999, 297). A partir daí, ocorre uma migração dos literatos para as revistas ilustradas, cuja característica marcante era o uso de fotografias.

Conclusão

Ao longo do artigo, foram discutidos tópicos importantes para a ambientação da pesquisa proposta. Acredita-se que um resgate histórico da sociedade e da imprensa no Amazonas forneça o suporte necessário para a análise da inserção da literatura no



periodismo local. Uma vez que esta não foi uma tendência inédita, tendo sido identificada em toda a imprensa nacional, espera-se encontrar as especificidades da imprensa literária amazonense no que tange às suas características editoriais, ao diálogo com o seu público e a sociedade, afinal, o todo o processo de elaboração e transmissão das mensagens pelo comunicador deve refletir as experiências culturais do público receptor (MELO apud GOMES, 2008, p. 55).

No entanto, é preciso frisar que as características da imprensa amazonense aqui abordadas não apareceram nas folhas de maneira isolada. Eventualmente, um ou mais estilos, formatos e linguagens conviveram ao mesmo tempo, disputando espaço no ambiente de circulação da cultura letrada, além da atenção e interesse dos leitores.

Referências

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)**. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2000.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)**. 2ª Ed. Manaus: Valer, 2007.

FERNANDES, Phillippe; SEIXAS, Netília. **Imprensa e Política na Belém do início do século XIX (1820-1830)**. Trabalho apresentado no IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, IJ Jornalismo. Rio Branco: Anais do IX Intercom Norte, 2010.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord). **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

GOMES, Valéria; IAPECHINO, Mari. **A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa**. Revista Soletas, nº 15. São Gonçalo: UERJ, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/soletas/15/a_inclusao_cultural_letrada.pdf.

LENE, Hérica. **Os jornais como lugares de memória e fontes de pesquisas**. Trabalho apresentado no XXXIII Congresso de Ciências da Comunicação, GP Teorias do Jornalismo. Caxias do Sul: Anais do XXXIII Intercom, 2010.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fatos da Literatura Amazonense**. Manaus: Imprensa Oficial, 1976.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, pp. 23-47.

SODRÉ, Nelson Werneck. A Imprensa do Império e A Grande Imprensa. In: **História da Imprensa no Brasil**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, pp 181-355.

SOUZA, Márcio. **A literatura no Amazonas: as letras na pátria dos mitos**. Revista Poligramas, Ed. 29. Cali: Universidad Del Valle, 2008. Disponível em: <http://poligramas.univalle.edu.co/contenido29.htm>.